



Segregação Racial: O lugar do negro em Porto Alegre/RS - O bairro Rubem Berta

Autores:

Leticia Xavier Corrêa - Unisinos - leticia@live.com

Adalberto da Rocha Heck - Unisinos - heck@unisinos.com.br

Resumo:

A segregação socioeconômica e racial no Brasil remonta ao passado escravocrata e, ainda nos dias de hoje, revela-se em diversas situações. Sendo assim, neste trabalho se buscou compreender os efeitos socioeconômicos decorrentes desta segregação. Este estudo de caso foi realizado para a cidade de Porto Alegre/RS, selecionando o bairro Rubem Berta como recorte de estudo, por meio da aplicação do Índice de Dissimilaridade. Foram selecionados três indicadores socioeconômicos que possibilitam a comparação entre os negros moradores do Rubem Berta e os dados gerais dos negros de Porto Alegre/RS. De uma forma geral, os negros do bairro apresentam taxas piores que a média dos negros de Porto Alegre/RS. Através deste estudo, foi possível perceber que ainda hoje existem grandes desigualdades sociais decorrentes do componente racial. Os dados demonstram, ainda, que o fato de viver segregado pode ser prejudicial, principalmente quando observado em grupos de menor renda, como no caso em questão.

SEGREGAÇÃO RACIAL

O lugar do negro em Porto Alegre/RS - O bairro Rubem Berta

INTRODUÇÃO

A segregação socioeconômica e racial no Brasil remonta ao passado escravocrata e, ainda nos dias de hoje, evidencia-se em diversas situações: quando os lugares que a população negra vive cotidianamente são invisibilizados, sendo que o que se sobressai são questões de classe social e questões étnico/raciais são secundarizadas; quando em todos os segmentos socioeconômicos e políticos a população negra está em últimas posições; quando o Estado e setores privados oferecem serviços e infraestruturas com condições inferiores para locais onde se assenta a população negra. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015).

Segundo o Estatuto de Igualdade Racial Brasileiro, a população negra é composta por pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme a classificação de cor ou raça utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda segundo o Estatuto, desigualdade racial é “toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica”. (BRASIL, 2016, p. 11)

Pretende-se focar neste estudo o processo de segregação racial e territorial, na cidade de Porto Alegre/RS, tomando como caso o bairro Rubem Berta, com base no ranking de dissimilaridade. Como questão central, busca-se estudar como se evidenciam os efeitos socioeconômicos decorrentes da segregação racial territorial em Porto Alegre/RS, em especial no bairro Rubem Berta.

O objetivo principal é identificar os efeitos socioeconômicos da distribuição da população negra no espaço urbano de Porto Alegre/RS. Além deste, busca-se analisar e mapear o Índice de Dissimilaridade na cidade de Porto Alegre/RS, hierarquizar os assentamentos de população negra por Índice de Dissimilaridade e definir indicadores de condição socioeconômica.

O presente estudo encontra motivação na situação da população negra brasileira, que sofre até os dias atuais com preconceito e desigualdades sociais, bem como a atual conjuntura brasileira, onde a temática do racismo e da diversidade está em pauta.

Buscando avaliar a situação de desigualdade da população negra, analisamos os dados socioeconômicos da cidade de Porto Alegre/RS presentes no Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) 2010 (ATLAS, 2013). A Tabela 1 mostra que população negra não está em condição de igualdade com a população branca na cidade. As evidências ficam claras quando analisamos os dados: os negros têm menor esperança de vida ao nascer, menor renda per capita, possuem maiores taxas de mortalidade infantil, maiores taxas de analfabetismo e menores taxas de escolaridade.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) dos negros de Porto Alegre é de 0,705, sendo 18,3% menor que o dos brancos, que possuem um IDHM de 0,833, colocando a cidade em primeiro lugar em desigualdade entre brancos e negros entre as capitais (DESENVOLVIMENTO, 2017).

Tabela 1 – IDHM Porto Alegre

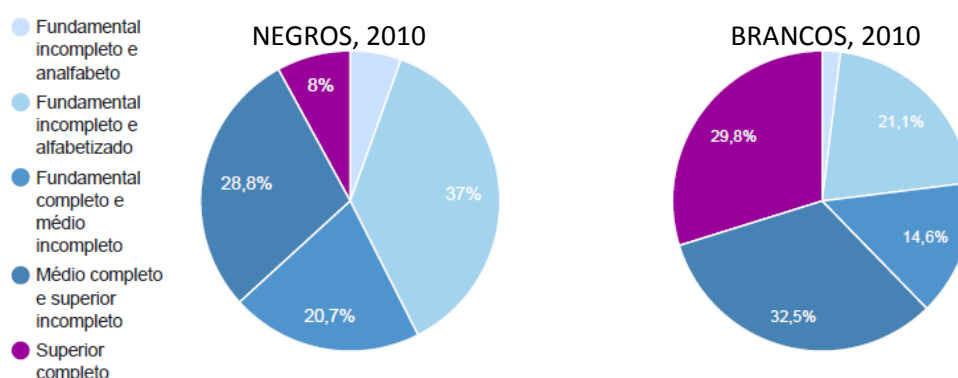
Índices de desenvolvimento humano municipal	Negros	Brancos
IDHM	0,705	0,833
IDHM Educação	0,567	0,749
IDHM Longevidade	0,844	0,869
IDHM Renda	0,732	0,887
Educação	Negros	Brancos
% de 18 anos ou mais com fundamental completo	59,31%	78,32%
% de 5 a 6 anos na escola	73,25%	79,14%
% de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental regular seriado ou com fundamental completo	84,39%	91,65%
% de 15 a 17 anos com fundamental completo	38,68%	66,94%
% de 18 a 20 anos com médio completo	25,08%	55,15%
Saúde	Negros	Brancos
Esperança de vida ao nascer	75,62	77,11
Mortalidade Infantil	13,9	9,7
Mortalidade até 5 anos de idade	15,7	10,9
Taxa de fecundidade total	2,0	1,4
Renda	Negros	Brancos

Renda Per Capita	R\$760,54	R\$2.000,45
Rendimento médio dos ocupados – 18 anos ou mais	R\$1.132,53	R\$2.623,66
% de extremamente pobres	2,01%	0,63%
% de pobres	7,97%	2,74%

Fonte: Adaptado pelos autores, com base em ATLAS (2013).

Quanto aos anos dentro da sala de aula, as diferenças também são visíveis. A maior parcela (32,5%) dos brancos possui ao menos ensino médio completo e, em comparação, a maior parcela dos negros (37%) nem ao menos completou o ensino fundamental. A Figura 1 apresenta gráficos da composição da escolaridade média da população negra e da população branca.

Figura 1 – Escolaridade População Negra x População Branca em Porto Alegre



Fonte: ATLAS (2013).

Frente a tais dados, houve o interesse em aprofundar o estudo sobre a temática, bem como avaliar quais os possíveis impactos dessa segregação imposta pelas cidades nas diferenças sociais vividas pelos negros.

A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

O vasto patrimônio cultural do Brasil é resultado da grande diversidade de povos com experiências distintas que formaram nossa população. Entretanto, desde os primórdios, estes povos foram fortemente hierarquizados, sendo que as marcas desta hierarquização se manifestam nos indicadores socioeconômicos ao longo dos séculos, reforçando-se, principalmente, pela discriminação racial sofrida pelo grupo dos humanos incorporados à sociedade como escravos. (RABAT, 2016, p. 9).

Segundo Fernandes (1972), os efeitos da abolição da escravidão em 1888 foram muito mais perversos para os escravos e seus descendentes do que para os que exploravam o seu trabalho na economia rural ou urbana. Ocorrida de forma dura e sem medidas de amparo, representou mais uma punição do que uma real oportunidade de iniciar uma nova vida. Os escravos, agora homens livres, tiveram que concorrer com a mão de obra abundante que foi captada internamente no Brasil ou inserida através da imigração, principalmente proveniente da Europa. Os antigos senhores, por sua vez, tiveram que arcar com o prejuízo de perder sua força de trabalho, contudo, obtiveram compensações através da política de subsídio oficial da imigração, medidas de amparo financeiro de emergência e da própria rede de solidariedade particular que a iniciativa privada podia mobilizar. Com esta conjuntura, a recuperação do sistema de produção foi rápida, já para os escravos a recuperação do posto de trabalho foi difícil, lenta e complicada, sendo que muitos passaram a viver na marginalização nas grandes cidades, ou submersos na economia de subsistência.

A imigração estrangeira teve como princípio responder ao ideal de modernização, que significou no âmbito político e socioeconômico a inserção de estrangeiros no mercado de trabalho, com intuito de instalar um projeto de embranquecimento da população. “No decorrer do tempo acreditava-se que a miscigenação iria fazer desaparecer da sociedade o elemento negro.” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015). Os efeitos destas políticas foram mais intensos nas regiões sul e sudeste, sendo que onde não houve imigrações estrangeiras em massa, como no nordeste, a população negra permaneceu nos mesmos lugares.

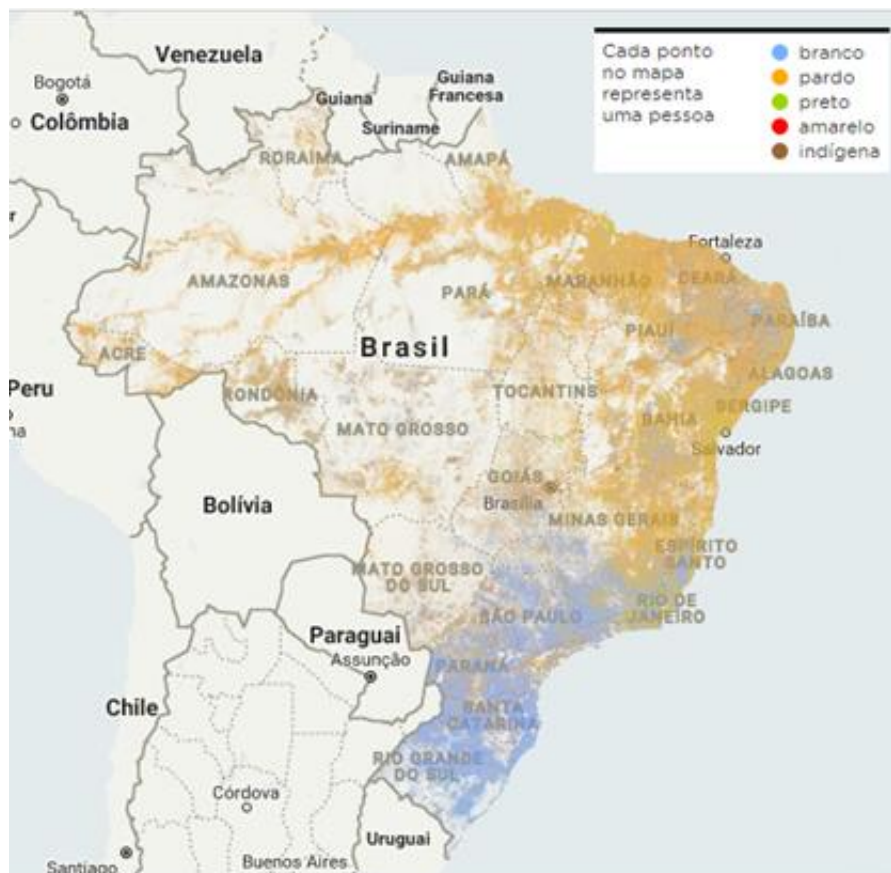
No contexto histórico pós abolição, a mobilidade social dos negros só foi possível para aqueles que aceitaram o código moral e os interesses inerentes à dominação senhorial. Esta situação não beneficiava o negro como tal, pois eram tidos como obra do “bom exemplo” do próprio branco. Os insucessos, por sua vez, eram atribuídos diretamente à incapacidade do negro a se igualar ao branco.

O ‘negro’ teve a oportunidade de ser livre; se não conseguiu igualar-se ao ‘branco’ o problema era dele - não do ‘branco’. Sob a égide da ideia de democracia racial, justificou-se, pois, a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade, que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição. (FERNANDES, 1972, p.29).

Com isto, a miscigenação e a mobilidade social vertical operaram dentro dos limites e segundo as conveniências daquela ordem social, dando continuidade ao processo de estratificação racial originada da escravidão. O fato é que, a miscigenação não faz parte de um processo de integração das “raças” em condição de igualdade social (FERNANDES, 1972).

A Figura 2, elaborada pelo Jornal Nexo em 2015, com dados do censo 2010 do IBGE, explicita que esta política de “branqueamento” perdura na configuração étnica/racial até os dias de hoje, onde temos uma maioria branca na metade sul do país e maioria negra na metade norte.

Figura 2 – Mapa da Segregação Racial do Brasil



Fonte: MARIANI et al (2015).

Além disto, após a abolição, as cidades brasileiras sofreram uma espécie de “limpeza” urbana, com intuito de adaptar as cidades senhoriais aos novos padrões de cidade capitalista, sendo que os principais alvos destas intervenções foram os territórios negros. Segundo Rolnik (1989), “a história da comunidade negra é marcada pela estigmatização de seus territórios na cidade: se, no mundo escravocrata, devir negro era sinônimo de subumanidade e barbárie, na República do trabalho livre, negro virou marca de marginalidade”.

Conforme Maricato e Colosso (2017), neste período iniciou-se a chamada “urbanização de baixos salários”, onde a força de trabalho instalou-se nas cidades com seus poucos recursos e baixos salários. “Assentaram-se como puderam nas periferias sem infra-estrutura urbana e, mais, construíram suas próprias casas sem concurso de engenheiro e arquitetos, sem financiamento público e, especialmente, fora do mercado imobiliário privado formal”. (MARICATO; COLOSSO, 2017). Isto faz com que ainda nos dias de hoje a pobreza, as periferias e as favelas tenham uma cor predominante: os negros são maioria em todos estes lugares.

O FENÔMENO DA SEGREGAÇÃO RACIAL

A segregação étnica e racial é um fenômeno social importante e bastante estudado. Nas últimas décadas, os cientistas sociais têm se preocupado em medir a extensão e estimar o impacto da segregação na educação, na habitação e no mercado de trabalho. E para poder entender o impacto da segregação é fundamental conseguir mensurá-lo (ECHENIQUE; FRYER, 2005).

De um modo simplificado, a segregação é o grau em que dois ou mais grupos estão separados um do outro. Existem diversas formas de medir a segregação racial, porém normalmente se agrupam esses índices de segregação em cinco classes: uniformidade, exposição, concentração, centralização e agrupamento. Das cinco classes da segregação, apenas duas são usadas na grande maioria dos trabalhos aplicados nas ciências sociais: uniformidade e exposição. A medida mais popular de segregação é o Índice de Dissimilaridade, uma medida de uniformidade, pois mede a distribuição diferencial de dois grupos entre áreas de uma cidade (ECHENIQUE; FRYER, 2005).

Segundo Logan e Stults (2011), o Índice de Dissimilaridade (D) capta o grau em que dois grupos estão distribuídos uniformemente entre os setores censitários de uma determinada cidade. A igualdade é definida com relação à composição racial total da cidade. Com valores que variam de 0 a 100, D calcula a porcentagem de que um grupo teria que se mover para alcançar um padrão residencial regular, onde cada setor censitário replicaria a composição geral da cidade. Um valor de 60 ou mais é considerado muito alto. Por exemplo, um D=60 para a segregação negro-branco significa que 60% de cada grupo deveria mudar para um setor diferente para que os dois grupos ficassem igualmente distribuídos. Valores de 30 a 60 são geralmente considerados níveis moderados de segregação, enquanto valores de 30 ou menos são considerados baixos.

A fórmula básica do índice de dissimilaridade é apresentada na Figura 3.

Figura 3 – Fórmula do Índice de Dissimilaridade

$$\text{index of dissimilarity} = \frac{1}{2} \sum_{i=1}^N \left| \frac{\text{black}_i}{\text{black}_{\text{total}}} - \frac{\text{nonblack}_i}{\text{nonblack}_{\text{total}}} \right|,$$

Fonte: ECHENIQUE; FRYER (2005)

Onde:

N= número de setores censitários

black_i = população negra na área i (por exemplo, setor censitário)

black_{total} = população negra total na cidade

nonblacki = população não negra na área i (por exemplo, setor censitário)

nonblacktotal = população não negra total na cidade

A fórmula calcula o inverso do somatório da diferença na relação entre cada grupo em cada setor censitário. O índice de dissimilaridade será mínimo ($D=0$) quando a proporção entre brancos e negros em cada setor for igual à composição geral da cidade, e será máxima ($D=100$), se em cada setor houver apenas uma raça/etnia. Por exemplo, uma cidade tem sua composição racial de aproximadamente 80% brancos e 20% negros. Para a dissimilaridade ser mínima ($D=0$), cada setor censitário teria que ter esta mesma composição de 80% brancos e 20% negros, o que indicaria que negros e brancos estão distribuídos uniformemente no território.

Conforme Echenique e Fryer (2005), o índice dissimilaridade é interessante, pois pode ser aplicado independentemente do tamanho do grupo minoritário. Com este índice é possível comparar cidades para verificar quais são mais segregadas, e ainda acompanhar a evolução da segregação de uma cidade através dos anos, utilizando os dados do censo demográfico.

De acordo com estudo realizado por Cutler e Glaeser (1995), onde foram analisadas comunidades negras segregadas nos Estados Unidos, viver segregado faz com que as “taxas de sucesso” de negros sejam piores do que daqueles que vivem em comunidades integradas. Para eles, o sucesso poderia ser avaliado pela escolaridade (taxas de conclusão do ensino médio), pela empregabilidade (taxas de desemprego) e pela estrutura familiar (índices de mães solteiras).

A segregação é muito prejudicial para sociedade, pois dificulta as interações sociais, gerando o estranhamento e o não reconhecimento do outro. Ter consciência das desigualdades e da diversidade é essencial para que as pessoas sejam menos estreitas e intolerantes. Outro aspecto, é que quando observada em grupos de menor renda, a segregação diminui as chances de mobilidade social, pois se criam barreiras para o acesso ao mercado de trabalho, aos serviços públicos, à cultura e à educação (MARIANI et al, 2015).

CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO

Após pesquisa bibliográfica sobre o fenômeno da segregação racial, suas formas de manifestação e modelos de mensuração, foi desenvolvido estudo de caso com base nos dados estatísticos da população de Porto Alegre/RS, a fim de aprofundar e detalhar o estudo sobre este fenômeno.

Para fins deste estudo, como população negra foram considerados, conforme BRASIL, (2016, p. 11), “o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito de cor ou raça usado pelo IBGE”. Cabe ressaltar, ainda, que as pesquisas do IBGE utilizam o método de autoatribuição para definição étnico/racial, onde o próprio sujeito da

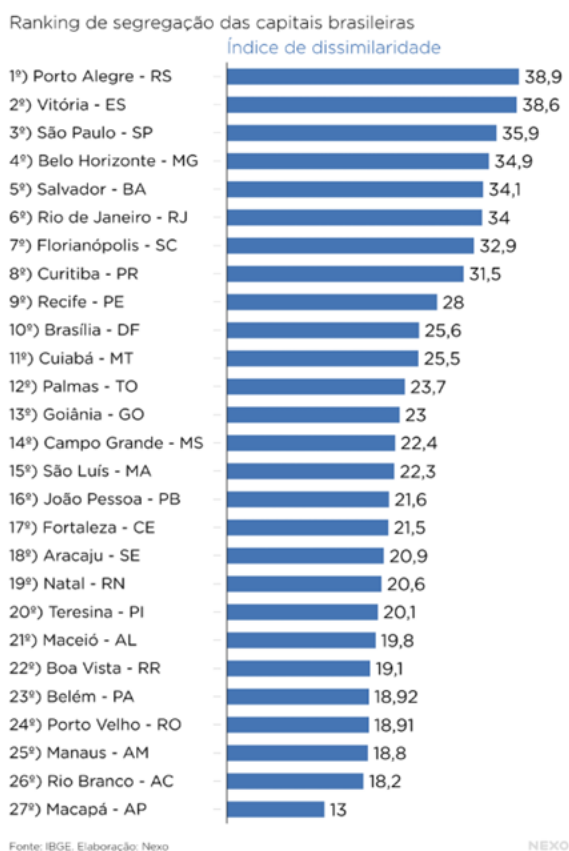
classificação escolhe seu grupo, em função da cor de sua pele – preto, pardo, branco, amarelo ou indígena (OSÓRIO, 2013).

Sabendo-se que, à luz do ideal de brancura vigente, é de se esperar que as pessoas que carregam menos traços negros em sua aparência tendam a se considerar brancas, e que essa tendência varia de acordo com a situação socioeconômica, com as pessoas mais abastadas também tendendo à escolha do branco, o fato de que a classificação de cor é realizada por autoatribuição pode se afigurar problemático para o estudo da desigualdade causada por discriminação. (OSÓRIO, 2013).

Esta é uma limitação que poderia indicar que a população negra pudesse ser efetivamente maior que os dados apresentados pelo IBGE, porém, estes são os dados disponíveis que foram os adotados para embasar este estudo.

Com o intuito de abordar o tema de segregação racial, a escolha da cidade de Porto Alegre/RS se deu por dois motivos. Primeiramente, a cidade está em primeiro lugar entre as capitais brasileiras no ranking de segregação racial feito pelo Jornal Nexo em 2015, apresentado na Figura 4. Com índice de dissimilaridade de 38,9, a cidade possui níveis moderados de segregação, segundo Logan e Stults (2011).

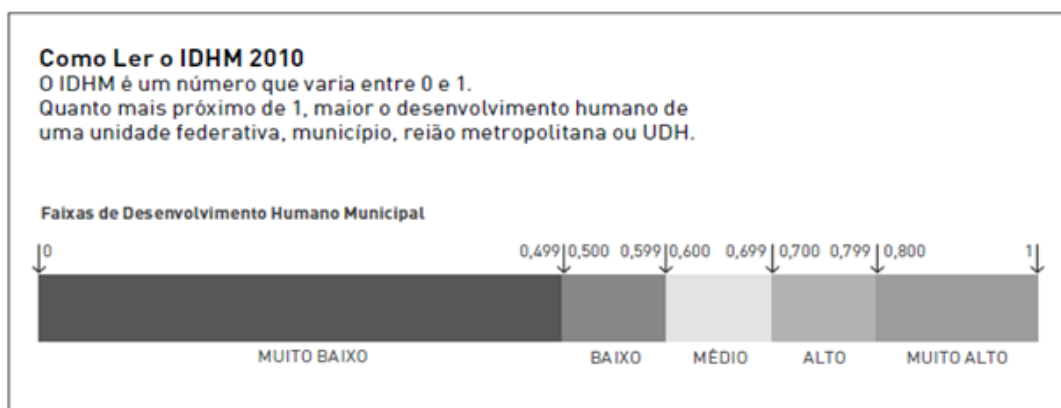
Figura 4 – Ranking da segregação das capitais brasileiras



Fonte: MARIANI et al (2015).

Em segundo lugar, Porto Alegre/RS possui a maior diferença percentual do IDHM entre brancos e negros entre as cidades brasileiras que possuem mais de 228 mil habitantes. O IDHM da população negra é de 0,705, 18,2% inferior ao IDHM da população branca que é de 0,833. (DESENVOLVIMENTO, 2017, p.37). A Figura 5 apresenta como é feita a classificação do IDHM.

Figura 5 – Como ler o IDHM 2010



Fonte: MAPA (2015)

Comparativamente, e a título demonstrativo, a população branca de Porto Alegre/RS tem IDHM muito alto, semelhante a cidades desenvolvidas brasileiras, como, Santos/SP, Niterói/RJ e Brasília/DF. Já a população negra possui IDHM no limite entre médio e alto, semelhante a cidades pequenas brasileiras, como Santa Fé/PR, Ribeirão Grande/SP e União do Oeste/SC (RANKING, 2013). Esta comparação mostra como a população negra vive uma realidade completamente diferente da população branca em Porto Alegre.

A população de Porto Alegre/RS é formada por 79,24% de brancos e de 20,24% de negros (soma de pretos e pardos). A população negra da cidade totaliza mais de 285 mil habitantes, conforme mostrado na Tabela 2.

Tabela 2 – Composição Racial de Porto Alegre

Porto Alegre	Habitantes	Percentual
Branços	1.116.055	79,24%
Pretos	143.766	10,21%
Pardos	141.294	10,03%
Amarelos	4.058	0,29%
Indígenas	3.307	0,23%
População Total	1.408.480	100%

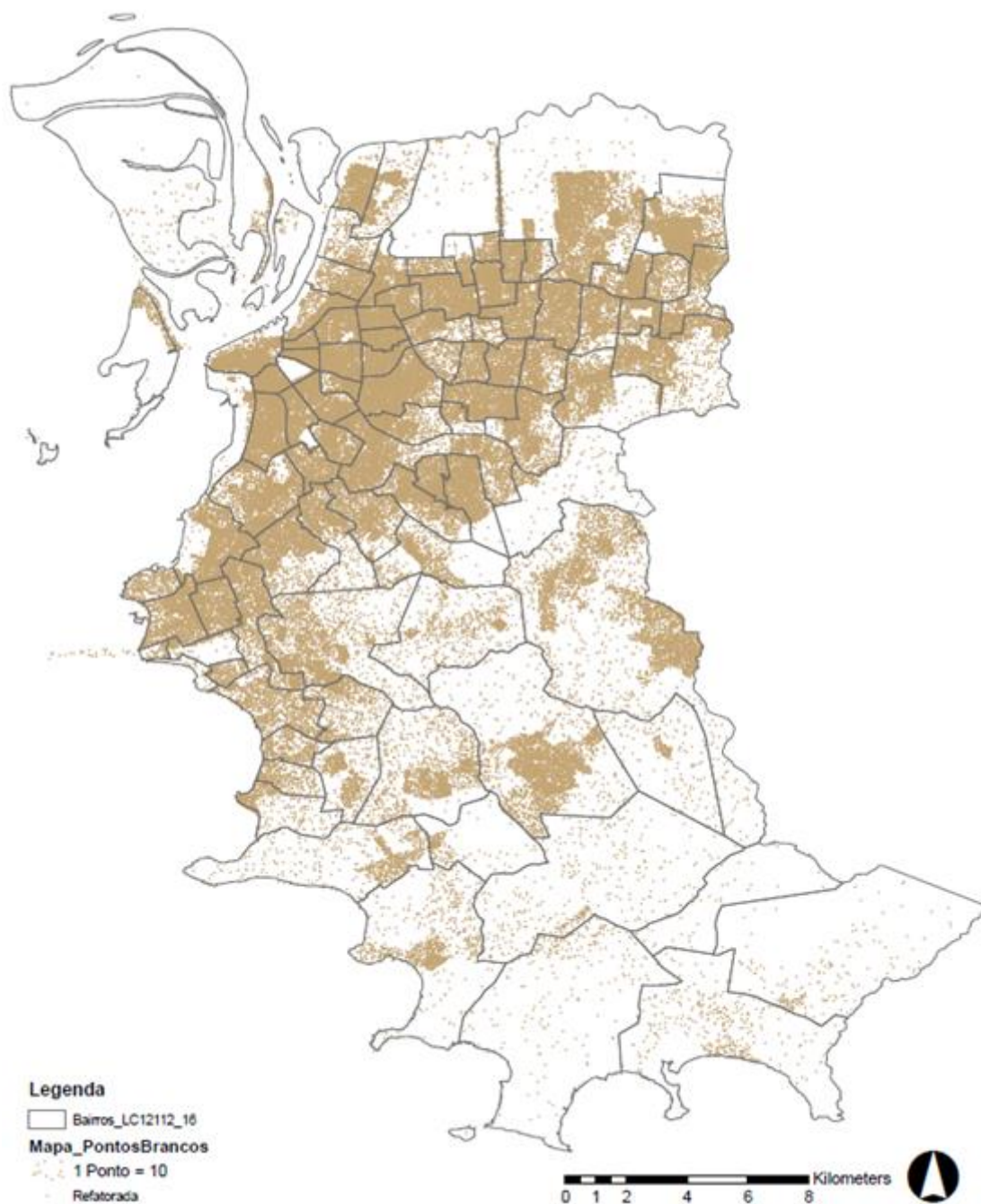
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em BASE (2011).

Para estudar o fenômeno da segregação na cidade de Porto Alegre, foram utilizados os dados do Censo Demográfico feito pelo IBGE no ano 2010, que são os dados mais recentes disponíveis. Foram utilizados dados sobre a raça/etnia da população, alfabetização, idade, infraestrutura urbana dos domicílios, entre outros. Os dados do Censo Demográfico são disponibilizados de acordo com o município e o setor censitário.

Para elaboração do Censo, o território das cidades é dividido por setores censitários. Conforme o GUIA (2010), setor censitário é “[...] a unidade territorial estabelecida para fins de controle cadastral, formado por área contínua, situada em um único quadro urbano ou rural, com dimensão e número de domicílios que permitam o levantamento por um recenseador”. Cada bairro de um município pode ser subdividido em diversos setores censitários. Porto Alegre/RS, por exemplo, possui 92 bairros e 2.386 setores censitários.

Posteriormente, com intuito de verificar como acontece a espacialização da população negra de Porto Alegre/RS, foram gerados mapas de pontos da distribuição da população no território, mostrados nas Figuras 6 e 7. Cada setor censitário recebeu um ponto para cada 10 pessoas moradoras daquele setor. Para verificar se havia uma diferença na espacialização entre brancos e negros, foram construídos mapas para cada grupo racial. Com esta metodologia é possível observar quais setores da cidade possuem maior densidade populacional de população branca e de população negra.

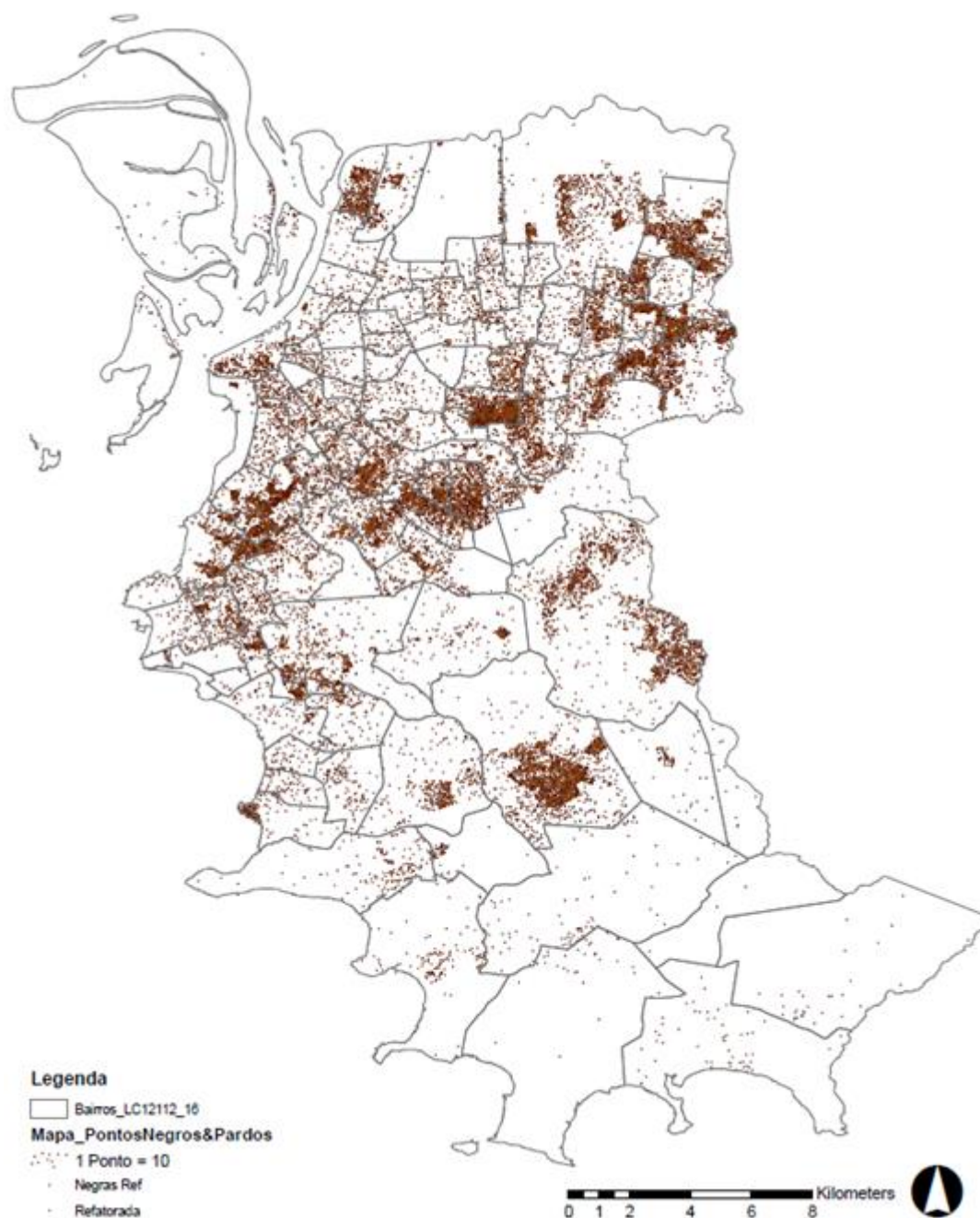
Figura 6 – Distribuição da população branca em Porto Alegre



Fonte: Elaborado pelos autores¹, com base em BASE (2011).

¹ O mapa foi elaborado com o software de geoprocessamento ArcGis, utilizando a ferramenta de “Densidade por Pontos”.

Figura 7 – Distribuição da população negra em Porto Alegre



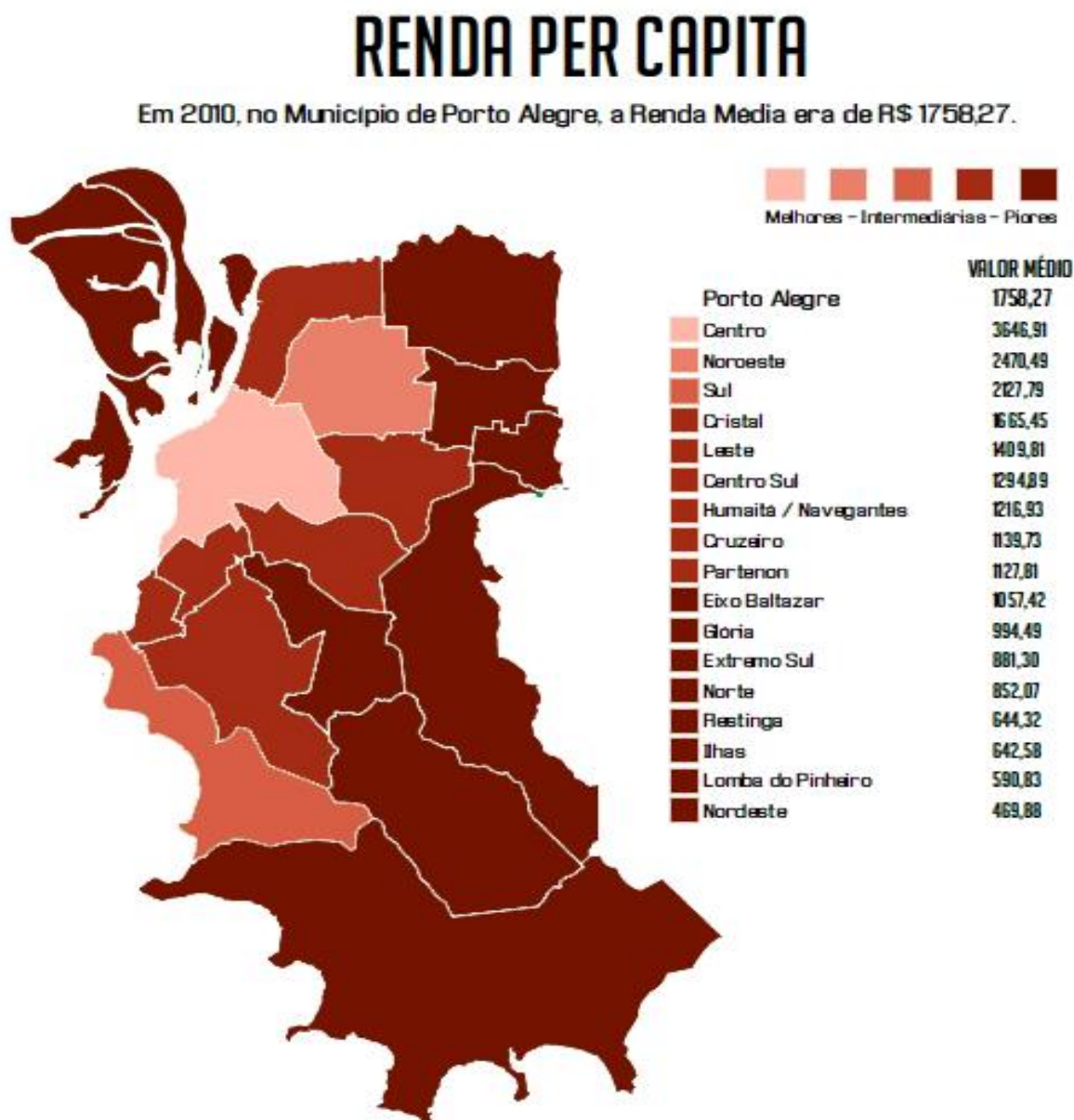
Fonte: Elaborado pelos autores², com base em BASE (2011).

Ao analisarmos os mapas da distribuição da população em função da raça é possível verificar que a população branca é distribuída de forma mais homogênea no território. Já a população negra está concentrada em áreas mais específicas da cidade. Para termos um parâmetro comparativo, a Figura 8 mostra o mapa da renda per capita da população porto-

² O mapa foi elaborado com o software de geoprocessamento ArcGis, utilizando a ferramenta de “Densidade por Pontos”.

alegrense, dividido por zonas. É possível perceber que a maior concentração de renda do município está na região Central, Noroeste e Sul.

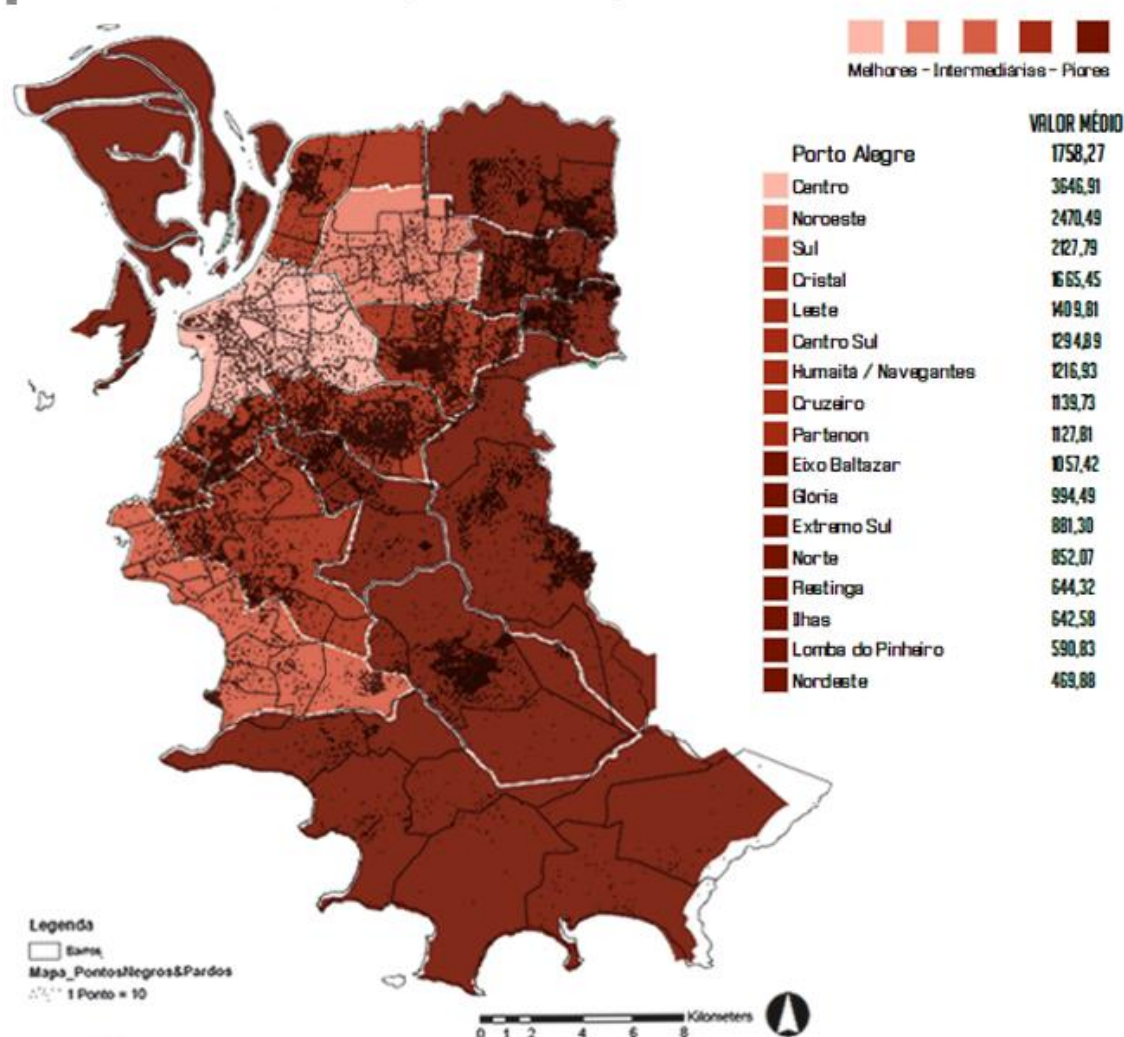
Figura 8 – Renda *Per Capita* em Porto Alegre



Fonte: Adaptado de MAPA (2015, p.190)

Ao sobrepormos o mapa da distribuição da população negra ao mapa de renda per capita, conforme mostrado na Figura 9, evidenciamos que os principais pontos de concentração da população negra estão em áreas com a renda per capita mais baixa, existindo poucos focos de população negra em áreas onde a renda per capita é considerada alta.

Figura 9 – População negra x Renda *Per Capita* em Porto Alegre



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MAPA (2015)

Para a escolha do objeto de estudo de caso, foi aplicada a fórmula do Índice de Dissimilaridade, buscando avaliar quais são os setores censitários mais segregados. Foram utilizando os seguintes dados: quantidade total de população negra em Porto Alegre/RS, quantidade total de população branca em Porto Alegre/RS, quantidade de população negra no setor censitário e quantidade de população branca no setor censitário. Como resultado desta operação, cada setor censitário obteve uma Fração do Índice de Dissimilaridade total do município. A Figura 10 mostra a fórmula de como foi aplicada em cada um dos 2386 setores censitários de Porto Alegre.

Figura 10 – Fórmula da Fração do Índice de Dissimilaridade

$$\text{Fração do Índice de Dissimilaridade} = \frac{1}{2} \left| \frac{\text{Quantidade de negros no setor censitário}}{\text{Quantidade de negros em Porto Alegre}} - \frac{\text{Quantidade de brancos no setor censitário}}{\text{Quantidade de brancos em Porto Alegre}} \right|$$

Fonte: elaborado pelos autores

A soma de todas as Frações do Índice de Dissimilaridade resulta no Índice de Dissimilaridade geral do município. A Figura 10 mostra a fórmula de como foi aplicada a soma das frações de Índice de Dissimilaridade do município de Porto Alegre.

Figura 11 – Fórmula da soma das Frações do Índice de Dissimilaridade

$$\text{Índice de Dissimilaridade de Porto Alegre} = \text{Fração do Índice de dissimilaridade do Setor Censitário 1} + \text{Fração do Índice de dissimilaridade do Setor Censitário 2} + \dots + \text{Fração do Índice de dissimilaridade do Setor Censitário 2386}$$

Fonte: elaborado pelos autores

Com esta metodologia foi possível identificar e hierarquizar quais os setores censitários possuem maiores Frações de Índice de Dissimilaridade. A Tabela 3 mostra um ranking dos 10 setores censitários com maiores Frações de Índice de Dissimilaridade, ordenados do maior para o menor.

Tabela 3 – Ranking de Frações de Índice de Dissimilaridade

Ranking Setores Censitários com maior Fração de Dissimilaridade			
Posição	Nº Setor Censitário	Bairro	Fração do Índice de Dissimilaridade
1º	431490205002198	Restinga	0,146002
2º	431490205001310	Farrapos	0,121783
3º	431490205001946	Rubem Berta	0,114528
4º	431490205000519	Partenon	0,109844
5º	431490205000348	Jardim Carvalho	0,104250
6º	431490205000300	Bom Jesus	0,098069
7º	431490205000969	Restinga	0,095391

8°	431490205002338	Rubem Berta	0,095156
9°	431490205002000	Rubem Berta	0,091027
10°	431490205000793	Nonoai	0,090536
...	...	...	...
2385°	431490205002340	Mário Quintana	0,000055
2386°	431490205000701	Santa Tereza	0,000054
Índice de Dissimilaridade total do município (soma)			38,975368

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em BASE (2011).

Ao analisarmos a Tabela 3, é possível perceber que entre os 10 setores censitários com maior Fração do Índice de Dissimilaridade, três estão situados no bairro Rubem Berta. Por este motivo, adotou-se como base para este estudo de caso o bairro Rubem Berta.

O bairro Rubem Berta é atualmente o mais populoso da cidade de Porto Alegre, com 87.367 habitantes. Está localizado no limite da cidade, conforme mostrado na Figura 12, fazendo divisa a leste com a cidade de Alvorada, a oeste com os bairros Parque Santa Fé e Jardim Leopoldina, ao norte com o bairro Santa Rosa de Lima e ao sul com o bairro Mario Quintana.

Figura 12 – Localização do bairro Rubem Berta



Fonte: Elaborado pela autora.

A população do bairro Rubem Berta é formada por 69,97% de brancos e de 29,40% de negros (soma de pretos e pardos), conforme se verifica na Tabela 4. A população negra do bairro totaliza mais de 25 mil habitantes.

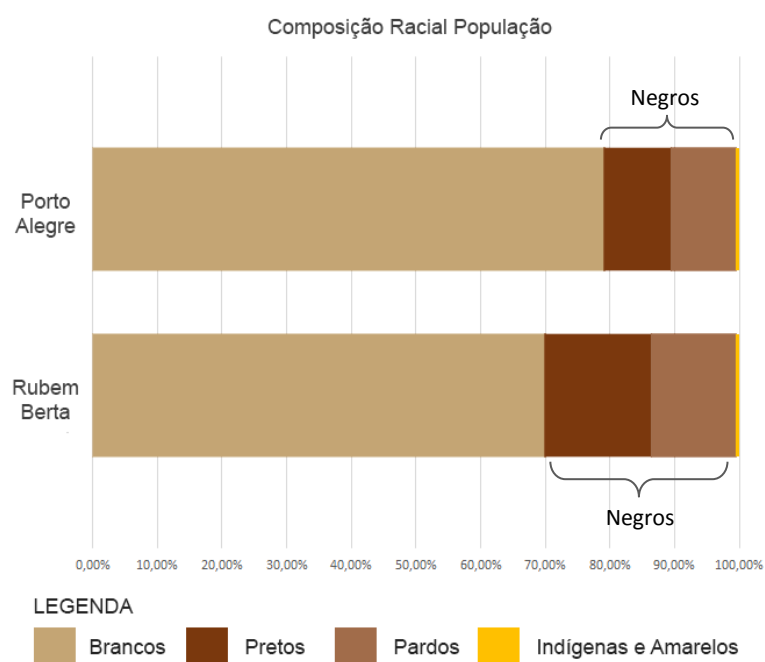
Tabela 4 – Composição Racial do bairro Rubem Berta

Rubem Berta	Habitantes	Percentual
Branco	61.135	69,97%
Pretos	14.294	16,36%
Pardos	11.393	13,04%
Amarelos	188	0,22%
Indígenas	357	0,41%
População Total	87.367	100%

Fonte: elaborado pela autora, com base em BASE (2011).

A Figura 13 apresenta um gráfico onde é possível verificar a composição racial de Porto Alegre/RS em comparação com a composição racial no bairro Rubem Berta. Nota-se que o bairro possui quase 10% a mais de população negra na sua composição racial do que o geral da cidade.

Figura 13 – Composição racial da População Porto Alegre x Rubem Berta



Fonte: elaborado pelos autores, com base em BASE (2011).

Para efeitos de averiguação dos reflexos socioeconômicos da segregação, adotamos o método de comparação de dados gerais da cidade de Porto Alegre/RS com os dados do bairro com maior Índice de dissimilaridade, no caso, o bairro Rubem Berta. Buscando construir categorias de análise que permitam promover a comparação entre Porto Alegre e Rubem Berta, foram selecionados indicadores socioeconômicos, dentre os quais existem dados apresentados de forma segmentada por grupo racial.

Para Siedenberg (2003), os indicadores sociais, além de expressarem o dado em si, são indicativos de uma condição maior de determinado grupo, com isto, apresentam os dados de duas formas: diretamente e indiretamente. Por exemplo, o indicador “esperança de vida ao nascer” indica, diretamente, apenas a esperança média de vida de uma pessoa em determinado momento, porém indica, de forma indireta, as condições de saúde e forma de vida de uma população (Siedenberg, 2003).

Os dados foram selecionados buscando evidenciar as “taxas de sucesso” da população negra, conforme o estudo de Cutler e Glaser (1995). Para eles, as taxas de sucesso poderiam ser avaliadas pela escolaridade (taxas de conclusão do ensino médio), pela empregabilidade (taxas de desemprego) e pela estrutura familiar (índices de mães solteiras). Porém para este estudo não havia dados disponíveis de forma desagregada (taxas de brancos separadas das taxas de negros).

Para fins de verificação das condições de vida do grupo de negros que vivem no bairro Rubem Berta, adotou-se, então, os seguintes indicadores:

a) Condições da infraestrutura urbana: para este indicador foi analisada a condição de infraestrutura do entorno do domicílio. Segundo BASE (2011), cada um dos indicadores foi aferido pelo IBGE da seguinte forma:

Iluminação Pública: Foi pesquisado se na face em trabalho ou na sua face confrontante, existia pelo menos um ponto fixo (poste) de iluminação pública.

Pavimentação: Pesquisou-se se no trecho do logradouro, na face percorrida, existia pavimentação, ou seja, cobertura da via pública com asfalto, cimento, paralelepípedos, pedras etc.

Arborização: Foi pesquisado se na face ou na sua face confrontante ou no canteiro central, existia arborização, ou seja, existia árvore ao longo do calçada/passeio e/ou em canteiro que divida pistas de um mesmo logradouro, mesmo que apenas em parte. Considerou-se também a arborização quando existente em logradouros sem pavimentação e/ou sem calçada/passeio.

Lixo acumulado nos logradouros: Considerou-se quando, na face ou na sua confrontante, existia local de depósito e acúmulo de lixo. A existência de caçamba de serviço de limpeza não foi considerada como lixo acumulado em via pública.

Esgoto a céu aberto: Foi pesquisado se na face ou na sua face confrontante, existia vala, córrego ou corpo d'água onde habitualmente ocorria lançamento de esgoto doméstico; ou valeta, por onde escorria, na superfície, o esgoto doméstico a céu aberto. (BASE, 2011).

b) Composição etária da população: para este indicador foi analisada a composição etária da população, de acordo com faixas pré-estabelecidas. Segundo BASE (2011), este indicador foi aferido pelo IBGE da seguinte forma:

Idade: A investigação foi feita por meio da pesquisa do mês e ano de nascimento. Para as pessoas que não sabiam o mês e o ano de nascimento, foi investigada a idade em 31 de julho de 2010 em anos completos ou em meses completos para as crianças com menos de 1 ano. A idade foi calculada em relação à data de referência. (BASE, 2011).

c) Alfabetização da população: para este indicador foram analisadas as taxas de alfabetização da população. Segundo BASE (2011), este indicador foi aferido pelo IBGE da seguinte forma:

Alfabetização: Considerou-se como alfabetizada a pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhecesse. Foi considerada analfabeta a pessoa que aprendeu a ler e escrever, mas que esqueceu devido a ter passado por um processo de alfabetização que não se consolidou e a que apenas assinava o próprio nome. (BASE, 2011).

Os indicadores adotados, além dos dados em si, apresentam importantes indicativos da condição socioeconômica da população negra. Por exemplo, o indicador da infraestrutura urbana apresenta a qualidade do entorno do domicílio do morador negro, bem como condições ambientais e de saneamento básico. O Indicador da composição etária da população, denota como está a condição de saúde da população, se as pessoas estão chegando a idades avançadas ou não. E por fim, o indicador de alfabetização é o parâmetro básico para demonstrar como se desenvolve a escolaridade da população.

Condições da infraestrutura urbana

Para calcular estes indicadores foram utilizados os dados do IBGE de quantos moradores em cada setor censitário possuíam determinada infraestrutura. A Figura 14 apresenta, por exemplo, como foram calculados os percentuais de negros no Bairro Rubem Berta, moradores em ruas com iluminação pública. O valor foi multiplicado por 100 para termos valores percentuais. Esta operação foi repetida para todos os indicadores selecionados. O mesmo foi feito com os brancos do bairro, bem como os negros e brancos da cidade de Porto Alegre.

Figura 14 – Fórmula do cálculo de indicador de infraestrutura

$$\text{Percentual de negros que moram em domicílio em rua com iluminação pública} = \frac{\text{Quantidade de negros no bairro Rubem Berta que vivem em rua com iluminação pública}}{\text{Quantidade de negros no bairro Rubem Berta}} \times 100$$

Fonte: Elaborado pela autora

No que se refere ao indicador de condições da infraestrutura urbana dos domicílios habitados por brancos e negros, a Tabela 5 mostra o comparativo de qual percentual de moradores vive com cada um dos itens de qualidade de infraestrutura.

Tabela 5 – Condições de infraestrutura urbana dos domicílios

Moradores em Domicílios	Brancos em Porto Alegre	Negros em Porto Alegre	Brancos no Rubem Berta	Negros no Rubem Berta
Em rua com Iluminação pública	94,51%	84,96%	87,18%	82,90%
Em rua pavimentada	88,16%	74,05%	80,23%	72,62%
Em rua com arborização	83,70%	63,52%	69,30%	56,25%
Em rua com esgoto a céu aberto	5,01%	11,56%	11,82%	18,30%
Em rua com lixo acumulado	5,74%	12,59%	20,36%	24,19%

Fonte: elaborado pelos autores, com base em BASE (2011).

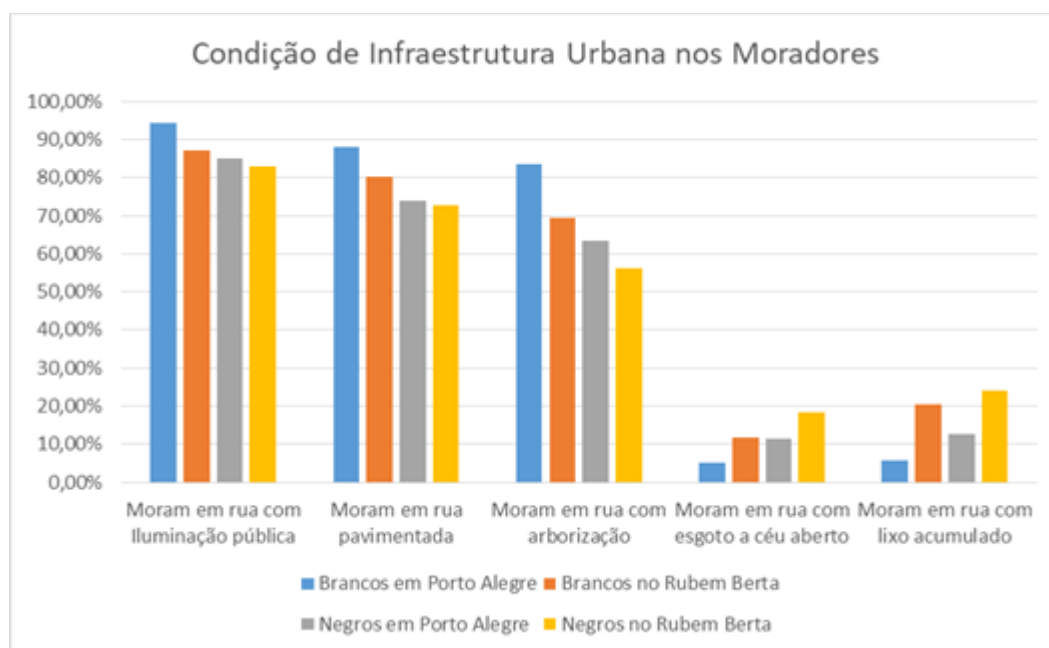
Analisando a tabela 5, é possível verificar que existe uma grande diferença na qualidade de infraestrutura do entorno domiciliar entre brancos e negros de um modo geral em Porto Alegre. Enquanto 88,16% dos brancos reside em domicílios dotados de rua pavimentada, somente 74,05% dos negros vive na mesma situação, uma redução de mais de 14%. Verifica-se também que, enquanto 83,70% dos brancos vivem em ruas arborizadas, este número cai para 63,52% se analisarmos os domicílios negros, uma diferença percentual de mais de 20%. No momento em que 5,74% da população branca vive em rua com esgoto a céu aberto, 12,59%, ou seja, mais que dobro, dos negros vive nesta mesma condição.

A situação no bairro Rubem Berta explicita ainda mais as diferenças existentes entre os negros e brancos moradores de tal local. De plano, verifica-se que para ambos os grupos (negros e brancos) existe uma diminuição significativa de qualidade de infraestrutura urbana.

Enquanto 63,52% dos negros de Porto Alegre vivem em ruas arborizadas, somente 56,25% dos negros do Rubem Berta desfrutam desta infraestrutura. No bairro, 18,30% dos negros vivem em rua com esgoto a céu aberto, sendo que, no geral, em Porto Alegre, 11,56% dos negros vivem nesta condição. A maior diferença encontrada foi na análise do indicador de domicílio em rua com lixo acumulado, pois no Rubem Berta 24,19% dos negros vive nesta situação e este número cai para 12,59% no geral dos negros da cidade.

O gráfico apresentado na figura 15 evidencia que nos três itens que são indicativos de boa infraestrutura urbana, como morar em rua com iluminação pública, pavimentada e arborizada, os negros do Rubem Berta apresentam as menores quantidades percentuais. Já nos dois itens que apresentam indicativos de baixa infraestrutura urbana como morar em rua com esgoto a céu aberto e com lixo acumulado, os negros do Rubem Berta apresentam as maiores taxas percentuais.

Figura 15 – Gráfico de condições de infraestrutura por raça



Fonte: elaborado pelos autores, com base em BASE (2011).

Os dados do indicador em questão demonstram que a qualidade do entorno do domicílio do morador negro, de um modo geral, é pior do que a qualidade do entorno do domicílio do morador branco, tanto em Porto Alegre/RS como no Bairro Rubem Berta. O indicador ainda evidencia que o bairro Rubem Berta, que neste estudo foi considerado o mais segregado, possui índices piores de infraestrutura da população negra do que a média geral dos negros da cidade de Porto Alegre/RS.

Composição etária da população

Para calcular este indicador foram utilizados os dados do IBGE de quantas pessoas existem em cada setor censitário com determinada idade. O IBGE apresenta os dados distribuídos nas seguintes faixas etárias: de 0 a 4, de 5 a 9, de 10 a 14, de 15 a 19, de 20 a 24, de 25 a 29, de 30 a 34, 35 a 39, de 40 a 44, de 45 a 49, de 50 a 54, de 55 a 59, de 60 a 69 e 70 anos ou mais. A fim de organizar a leitura dos dados por ciclos de vida, as faixas etárias foram agrupadas nas seguintes composições: Crianças de 0 a 14 anos, jovens de 15 a 24 anos, adultos de 25 a 59 e idosos de 60 anos ou mais.

A Figura 16 apresenta, por exemplo, como foi calculado o percentual de negros do bairro Rubem Berta que possuem entre 0 e 14 anos. O valor foi multiplicado por 100 para termos valores percentuais. Esta operação foi repetida para todas as faixas etárias, a fim de gerar a composição etária percentual da população negra do bairro Rubem Berta. O mesmo foi feito com os brancos do bairro, bem como os negros e brancos da cidade de Porto Alegre/RS.

Figura 16 – Fórmula do cálculo da composição etária

$$\text{Percentual de negros do Bairro Rubem Berta que possuem de 0 a 14 anos} = \frac{\text{Quantidade de negros no bairro Rubem Berta que possuem entre 0 e 14 anos}}{\text{Quantidade de negros no bairro Rubem Berta}} \times 100$$

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto ao indicador da composição etária por brancos e negros, a Tabela 6 mostra o comparativo de qual percentual de brancos e negros em cada faixa etária.

Tabela 6 – Composição etária da população

	Brancos em Porto Alegre	Negros em Porto Alegre	Brancos no Rubem Berta	Negros no Rubem Berta
Crianças (0 a 14 anos)	17,24%	24,69%	22,66%	25,28%
Jovens (15 a 24 anos)	15,05%	18,30%	16,92%	18,96%
Adultos (25 a 59 anos)	51,40%	46,95%	49,60%	47,11%

Idosos (60 ou + anos)	16,31%	10,06%	10,82%	8,65%
--------------------------	--------	--------	--------	-------

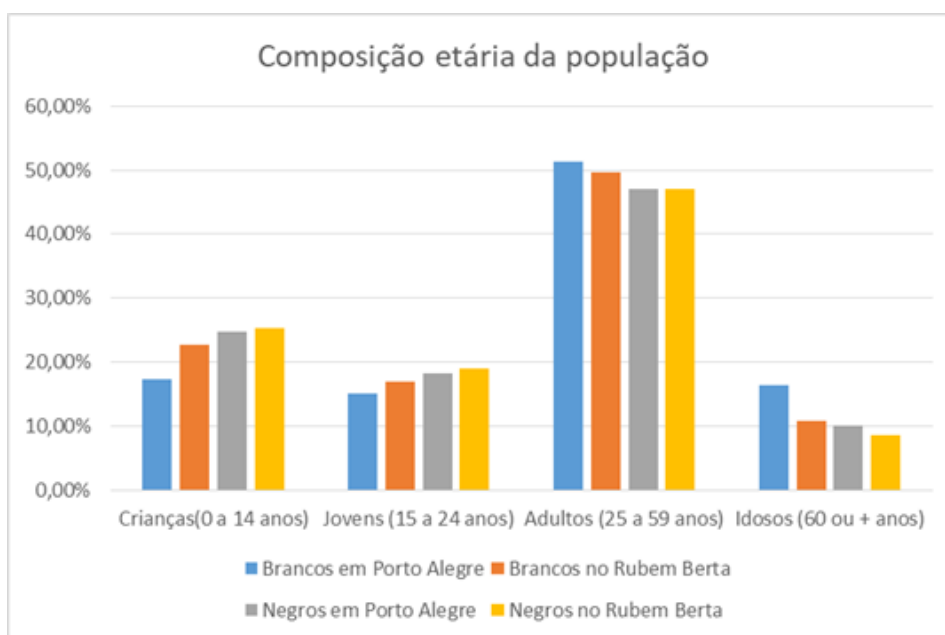
Fonte: elaborado pelos autores, com base em BASE (2011).

Ao analisarmos a tabela 6, percebemos que existem diferenças na composição etária entre brancos e negros de um modo geral em Porto Alegre/RS. A população branca porto-alegrense é composta na sua maioria (51,40%) por adultos entre 25 a 59 anos. O restante da população é dividido quase que de maneira uniforme, entre crianças (17,24%), jovens (15,05%) e idosos (16,31%). Já a população negra possui percentuais maiores de crianças (24,69%) e jovens (18,30), e percentuais menores de adultos (46,95%) e idosos (10,06%).

No bairro Rubem Berta as diferenças ficam ainda mais evidentes. A população negra do bairro é formada por 44,24% de crianças e jovens, 47,11% de adultos, e somente 8,65% de idosos, o menor percentual entre as amostras avaliadas.

O gráfico apresentado na Figura 17, evidencia a comparação da composição etária da população negra e branca, tanto no bairro Rubem Berta, como na cidade de Porto Alegre/RS.

Figura 17 – Gráfico da composição etária da população



Fonte: elaborado pelos autores, com base em BASE (2011).

Os dados do indicador em questão apresentam, de forma geral, que menos negros chegam a idades mais avançadas, tanto em Porto Alegre como no Bairro Rubem Berta, pois nos dois casos o percentual de população idosa é menor do que a verificada na população branca. O indicador ainda evidencia que o bairro Rubem Berta possui percentualmente mais crianças e jovens negros do que o geral da cidade de Porto Alegre.

Alfabetização da população

Para calcular estes indicadores foram utilizados os dados do IBGE de quantos moradores em cada setor censitário eram alfabetizados, desagregados por raça. A Figura 18 apresenta, por exemplo, como foram calculados os percentuais de negros no Bairro Rubem Berta que são analfabetos. Como os dados do IBGE apresentam a população alfabetizada, foi diminuído de 100% o percentual de alfabetizados, para termos os dados dos analfabetos. Esta operação foi repetida para todas as faixas etárias. O mesmo foi feito com os brancos do bairro, bem como os negros e brancos da cidade de Porto Alegre/RS.

Figura 18 – Fórmula do cálculo de percentual de analfabetos

$$\text{Percentual de negros analfabetos do Bairro Rubem Berta que possuem de 5 a 14 anos} = 100\% - \left(\frac{\text{Quantidade de negros no bairro alfabetizados no bairro Rubem Berta que possuem de 5 a 14 anos}}{\text{Quantidade de negros no bairro Rubem Berta que possuem de 5 a 14 anos}} \times 100 \right)$$

Fonte: Elaborado pelos autores

Assim como no indicador de composição etária da população, as faixas etárias foram agrupadas, a fim de facilitar a leitura dos dados. Foram consideradas crianças, pessoas de 5 a 14 anos; jovens, pessoas de 15 a 24 anos; adultos, pessoas de 25 a 59; e idosos, pessoas de 60 anos ou mais. A tabela 7 mostra os dados comparativos dos percentuais de analfabetos por faixa etária.

Tabela 7 – Percentual de Analfabetismo por Faixa Etária

	Branco em Porto Alegre	Negro em Porto Alegre	Branco no Rubem Berta	Negro no Rubem Berta
Crianças (5 a 14 anos)	13,81%	16,58%	15,93%	17,72%
Jovens (15 a 24 anos)	0,69%	1,48%	0,76%	1,52%
Adultos (25 a 59 anos)	1,27%	3,04%	1,64%	3,66%
Idosos (60 ou + anos)	4,21%	13,41%	8,27%	13,68%

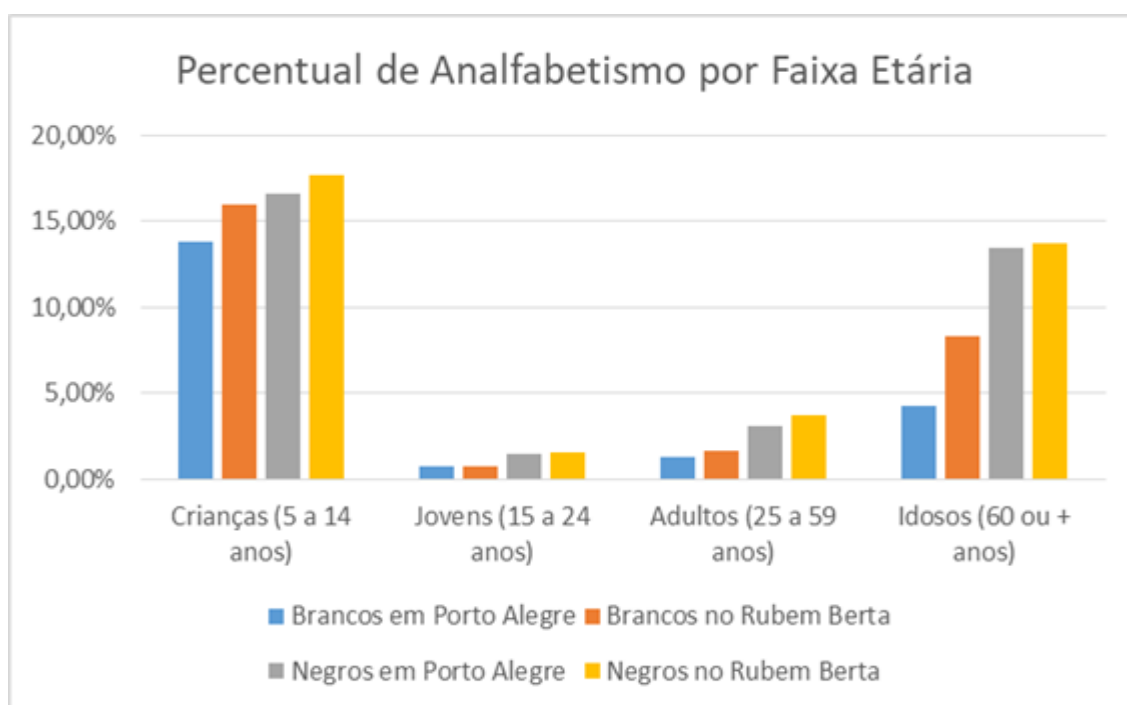
Fonte: elaborado pela autora, com base em BASE (2011).

Ao analisarmos a Tabela 7, percebemos que existem diferenças no percentual de analfabetismo entre brancos e negros de um modo geral em Porto Alegre/RS. Entre as crianças brancas de Porto Alegre/RS, 13,81% são analfabetas, este número sobe para 16,58% entre as crianças negras. As taxas de analfabetismo entre jovens e adultos se mantem parecidas, variando de 0,69% a 3,04%. Porém ao analisarmos a população idosa, 4,21% dos brancos são analfabetos e este número sobe para 13,41% entre os negros, mais que o triplo do valor.

A situação dos negros do Rubem Berta é próxima aos dados gerais da cidade, porém são levemente piores. A taxa de analfabetismo das crianças negras do bairro é de 17,72%, sendo que a das crianças negras de Porto Alegre é de 16,58%. Já entre os idosos a taxa de analfabetismo no Rubem Berta é de 13,68%, diminuindo levemente para 13,41% no geral da cidade.

O gráfico apresentado na Figura 19, evidencia a comparação das taxas de analfabetismo da população negra e branca, tanto no bairro Rubem Berta, como na cidade de Porto Alegre/RS.

Figura 19 – Gráfico do percentual de analfabetismo



Fonte: elaborado pelos autores, com base em BASE (2011).

Os dados do indicador em questão apresentam, de forma geral, que as taxas de analfabetismo são maiores entre as crianças negras de 5 a 14 anos, tanto em Porto Alegre/RS como no Bairro Rubem Berta, pois nos dois casos o percentual é maior do que o verificado na população branca. O indicador evidencia, ainda, que as maiores taxas de analfabetismo são encontradas entre os negros idosos, tanto em Porto Alegre/RS como no Rubem Berta.

DISCUSSÃO

Através das análises dos indicadores adotados, foram evidenciados os efeitos socioeconômicos decorrentes da segregação racial territorial existente em Porto Alegre/RS, em especial no bairro Rubem Berta.

Ao estudarmos as diferenças socioeconômicas entre os grupos raciais, é possível verificar que a população negra, de um modo geral, possui indicadores piores que a população branca de Porto Alegre/RS. Esta situação permanece na análise do bairro Rubem Berta, onde negros continuam com taxas piores que brancos.

Comparando os dados da população negra da cidade, especificamente com a os dados da população negra do Rubem Berta, temos nesta localidade piores taxas. Através dos indicadores aferidos, os negros do Rubem Berta possuem piores condições de infraestrutura urbana, vivem menos e possuem maiores taxas de analfabetismo.

No indicador de condições da infraestrutura urbana é onde temos as maiores diferenças percentuais. Quase um quarto dos negros do Rubem Berta vivem em ruas com lixo acumulado, e quase 20% vivem em ruas com esgoto a céu aberto. Estes dados demonstram como é a qualidade da infraestrutura urbana existente nas comunidades habitadas por populações negras. De acordo com OLIVEIRA e OLIVEIRA (2015),

Nas áreas mais urbanizadas e dotadas de ambiente construído (escolas, creches, transporte coletivo, mercado de trabalho, comércio, etc) a participação negra é inferior em sua base demográfica e o contrário acontece, nos lugares e ambientes que apresentam as menores taxas de urbanização a população negra é maioria. A população negra é sobrerrepresentada nas áreas menos urbanizadas, com maior intensidade na pobreza e no universo das habitações de favelas, cortiços e porões. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015).

No indicador referente à composição etária, a população negra do Rubem Berta é levemente mais jovem se comparada com a população negra no geral de Porto Alegre/RS. A faixa etária que possui maior diferença percentual é na de 60 anos ou mais, onde se depreende que, no bairro, existem percentualmente menos idosos do que em Porto Alegre/RS. Este indicador demonstra que, apesar de no Brasil estarmos vivendo uma transição demográfica de modo acelerado, com aumento da população idosa e diminuição das taxas de fecundidade, está transição não ocorre de maneira uniforme em todos os grupos sociais. Segundo Brito et al (2007),

A transição demográfica tem ocorrido de forma diferenciada nos diferentes grupos sociais, assim como nas diferentes regiões ou unidades da federação. As estruturas etárias dos diversos grupos sociais da população brasileira, em 2000, segundo os níveis de renda familiar per capita, eram muito distintas. A pirâmide do subgrupo mais pobre é muito semelhante à daquelas populações historicamente de fecundidade alta, e aquela do subgrupo mais rico, à de populações com fecundidade extremamente baixa.

Como a transição demográfica ocorre de maneira desigual segundo as diferenças regionais e sociais, obedecendo às desigualdades geradas pelo próprio desenvolvimento econômico social brasileiro, convive-se, dentro da mesma sociedade, com problemas decorrentes de estágios atrasados e avançados da transição demográfica. (BRITO et al, 2007, p. 5)

Quanto à alfabetização da população, novamente os dados dos negros do Rubem Berta se apresentam levemente piores que a média dos negros de Porto Alegre/RS. As maiores diferenças percentuais verificadas são na faixa etária das crianças (entre 5 e 14 anos) e dos idosos (com mais de 60 anos). Entre jovens e adultos, os negros do bairro apresentam taxas semelhantes ao geral da cidade, porém, nos dois casos, a taxa de analfabetismo entre os negros é mais que o dobro da verificada entre os brancos. De um modo geral, este indicador demonstra a diferença de escolarização entre brancos e negros. Segundo Brito et al (2007),

Atualmente, há um consenso quanto à necessidade de políticas que garantam a universalização do atendimento do ensino fundamental e do ensino médio. O ensino fundamental, exclusivamente, em nada garante a inclusão social via mercado de trabalho, cujos requisitos para a entrada cada vez se tornam mais rigorosos. O ensino médio assume uma importância fundamental, principalmente o profissionalizante. (...)

Se os jovens devem ser o objetivo fundamental das políticas públicas, com muito mais razões devem ser os jovens pobres. São eles que entrarão, em breve, na população em idade ativa e serão os idosos no futuro. Caso não haja políticas que permitam a mobilidade social desses jovens pobres, o Brasil estará reproduzindo a pobreza. (BRITO et al, 2007, p. 6)

A tabela 8 apresenta um quadro resumo de todos os indicadores avaliados neste estudo, apresentando na coluna “Diferença” os valores percentuais da diferença entre os dados dos negros do Rubem Berta e dos negros de Porto Alegre.

Tabela 8 – Quadro Resumo dos Indicadores

Condições da infraestrutura urbana			
Moradores em Domicílios	Negros em Porto Alegre	Negros no Rubem Berta	Diferença
Em rua com Iluminação pública	84,96%	82,90%	-2,06%
Em rua pavimentada	74,05%	72,62%	-1,43%
Em rua com arborização	63,52%	56,25%	-7,27%
Em rua com esgoto a céu aberto	11,56%	18,30%	6,74%

Em rua com lixo acumulado	12,59%	24,19%	11,60%
---------------------------	--------	--------	--------

Composição Etária da População

	Negros em Porto Alegre	Negros no Rubem Berta	Diferença
Crianças (0 a 14 anos)	24,69%	25,28%	0,59%
Jovens (15 a 24 anos)	18,30%	18,96%	0,66%
Adultos (25 a 59 anos)	46,95%	47,11%	0,16%
Idosos (60 ou + anos)	10,06%	8,65%	-1,41%

Analfabetismo por Faixa Etária

	Negros em Porto Alegre	Negros no Rubem Berta	Diferença
Crianças (5 a 14 anos)	16,58%	17,72%	1,14%
Jovens (15 a 24 anos)	1,48%	1,52%	0,04%
Adultos (25 a 59 anos)	3,04%	3,66%	0,62%
Idosos (60 ou + anos)	13,41%	13,68%	0,27%

Fonte: Elaborada pela autora, com base em BASE (2011).

Frente a tais dados, é possível perceber que ainda nos dias de hoje o povo negro sofre com as marcas de ter vivido fortemente hierarquizado. Passados cento e trinta anos da abolição da escravidão brasileira, os indicadores explicitam que ainda existem grandes desigualdades sociais decorrentes do componente racial.

Os dados do bairro Rubem Berta demonstram que o fato de viver segregado pode ser prejudicial, principalmente quando observado em grupos de menor renda, como no caso do bairro em questão. Foram constatados que os negros segregados no Rubem Berta vivem com piores condições de infraestrutura urbana, vivem menos e possuem taxas maiores de analfabetismo. Além disto, segundo Mariani et al (2015), a segregação diminui as chances de mobilidade social, pois criam-se barreiras para o mercado de trabalho, serviços públicos, cultura e educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposta inicial, se buscou compreender ao longo desta pesquisa como se evidenciam os efeitos socioeconômicos decorrentes da segregação racial territorial. Como estudo de caso foi utilizada a cidade de Porto Alegre/RS, selecionando por meio da aplicação do Índice de Dissimilaridade, o bairro Rubem Berta. O bairro em questão foi considerado, através da metodologia aplicada neste estudo, como o bairro onde os negros porto-alegrenses vivem de forma mais segregada.

Com o intuito de verificar os impactos desta segregação, foram selecionados três indicadores socioeconômicos que possibilitassem a comparação entre os negros moradores do Rubem Berta e os dados gerais dos negros de Porto Alegre/RS. De uma forma geral, em todos os indicadores selecionados, os negros do bairro apresentam taxas piores que a média dos negros de Porto Alegre/RS.

Referente à infraestrutura urbana, a qualidade do entorno do domicílio do morador negro, de um modo geral, é pior do que a qualidade do entorno do domicílio do morador branco, tanto em Porto Alegre/RS como no Bairro Rubem Berta. O indicador ainda evidencia que o bairro Rubem Berta, possui índices piores de infraestrutura da população negra do que a média geral dos negros da cidade.

Quanto à composição etária da população, menos negros chegam em idades mais avançadas, tanto em Porto Alegre/RS como no Bairro Rubem Berta, pois nos dois casos o percentual de população idosa é menor do que a verificada na população branca. O bairro Rubem Berta possui percentualmente mais crianças e jovens negros do que o geral da cidade de Porto Alegre/RS, o que pode ser um indicativo de maiores taxas de natalidade e menor longevidade da população.

As maiores taxas de analfabetismo são encontradas entre as crianças negras de 5 a 14 anos, tanto em Porto Alegre/RS como no Bairro Rubem Berta, sendo estas maiores percentualmente que as verificadas na população branca. O indicador ainda evidencia que as maiores taxas de analfabetismo são encontradas entre os negros idosos, tanto em Porto Alegre/RS como no Rubem Berta, o que pode ser um indicativo da baixa escolaridade da população negra idosa.

Através deste estudo, foi possível perceber que ainda hoje o negro sofre com as marcas deixadas pela escravidão. Os indicadores explicitam que ainda existem grandes desigualdades sociais decorrentes do componente racial. Os dados do bairro Rubem Berta demonstram, ainda, que o fato de viver segregado pode ser prejudicial, principalmente quando observado em grupos de menor renda, como no caso em questão.

Como forma complementar a este estudo, seria interessante avaliar como se comporta o Índice de Dissimilaridade na cidade de Porto Alegre através dos anos, podendo este ser aplicado com os dados de Censo de 2000, e futuramente com os dados de 2020, visto que a pesquisa ocorre a cada 10 anos. Assim, seria possível acompanhar de forma periódica como

está a segregação racial municipal, bem como monitorar os resultados de eventuais iniciativas de inclusão e miscigenação social/racial quando aplicadas no município.

Outra linha que poderia ser aprofundada seria a de comparar os bairros que possuem altos níveis de população branca segregada, verificando quais os reflexos socioeconômicos da segregação, bem como comparando estes efeitos com os resultados deste estudo.

A temática do racismo e da diversidade racial está em evidência no Brasil. Neste sentido, discutir o tema da segregação racial pode ser uma importante ferramenta para subsidiar políticas públicas que promovam a diminuição das desigualdades sociais, bem como melhorem as condições de vida da população negra.

REFERÊNCIAS

ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil: Porto Alegre, RS. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/porto-alegre_rs> Acesso em: 20 set. 2018

BASE de Informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo por setor censitário. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://servicodados.ibge.gov.br/Download/Download.ashx?u=ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/Agregados_por_Setores_Censitarios/RS_20171016.zip> Acesso em: 20 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. Disponível em: <<http://livraria.camara.leg.br/livros/estatuto-da-igualdade-racial.html>> Acesso em: 28 jun. 2018.

BRITO, Fausto, et al. A Transição Demográfica e as Políticas Públicas no Brasil: Crescimento Demográfico, Transição da Estrutura Etária e Migrações Internacionais. Belo Horizonte, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/dilma-vana-rousseff/publicacoes/orgao-essenciais/secretaria-de-assuntos-estrategicos/a-transicao-demografica-e-as-politicas-publicas-no-brasil-crescimento-demografico-transicao-da-estrutura-etaria-e-migracoes-internacionais/view>> Acesso em: 20 set. 2018.

CUTLER, David M.; GLAESER, Edward L. Are Ghettos Good or Bad? National Bureau of Economic Reserch. June, 1995. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w5163>> Acesso em: 30 jun. 2018.

DESENVOLVIMENTO Humano para Além das Médias. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2017. 127 p. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/20170530_PNUD_ParaAlemdasMedias_alta.pdf> Acesso em: 26 jun. 2018

- ENCHENIQUE, Federico; FRYER, Roland G. On the Measurement Of Segregation. National Bureau of Economic Reserch. Mar, 2005. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w11258.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2018.
- FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.
- GUIA do Censo 2010, Operação Censitária. IBGE Brasil, [S.l., 2010?]. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/operacao-censitaria.html>> Acesso em: 17 ago. 2018.
- LOGAN, John R.; STULTS, Brian. The Persistence of Segregation in the Metropolis: New Findings from the 2010 Census. Mar, 2011. Disponível em: <<https://s4.ad.brown.edu/Projects/Diversity/Data/Report/report2.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2018.
- MAPA dos Direitos Humanos, do Direito à Cidade e da Segurança Pública de Porto Alegre 2015. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre; Observa POA, 2015. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/mapa_seguranc_a_2015.pdf> Acesso em: 20 set. 2018.
- MARIANI, Daniel, et al. Mapa revela segregação racial no Brasil. Nexo Jornal, São Paulo, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/especial/2015/12/16/O-que-o-mapa-racial-do-Brasil-revela-sobre-a-segrega%C3%A7%C3%A3o-no-pa%C3%ADs>> Acesso em: 10 jul. 2018.
- MARICATO, Ermínia; COLOSSO, Paola. Da Cidade Segregada à Cidade Insurgente. Outras Palavras. São Paulo, dez. 2017. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/posts/da-cidade-segregada-a-cidade-insurgente/>> Acesso em: 10 out. 2018.
- OLIVEIRA, José Reinaldo de; OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Origens da Segregação Racial no Brasil. Amérique Latine Histoire & Memoire, Les Cahiers ALHIM. Paris, 29. ed., jun, 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/alhim/5191>> Acesso em: 26 jun. 2018
- OSÓRIO, Rafael Guerreiro. A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada. In: Características Étnico-Raciais da População, Classificações e Identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>> Acesso em: 19 ago. 2018.
- RABAT, Márcio Nuno. A Relevância Histórica da Legislação de Promoção da Igualdade Racial. In: BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. Disponível em: <<http://livraria.camara.leg.br/livros/estatuto-da-igualdade-racial.html>> Acesso em: 28 jun. 2018.

RANKING IDHM dos Municípios 2010. PNUD Brasil, [S.l., 2013?]. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>> Acesso em: 21 set. 2018.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). São Paulo, set. 1989. Disponível em: <<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territc3b3rios-negros.pdf>> Acesso em: 10 out. 2018.

SIEDENBERG, Dieter Rugard. Indicadores de desenvolvimento socioeconômico: uma síntese. Desenvolvimento em Questão, [S.l], v.1, n. 1, p. 45-71, out.2011. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/67>> Acesso em: 15 set. 2018.